

Pessoas e objetos: agência e consumo de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro

Persons and objects: agency and second hand consumption in the city of Rio de Janeiro

Douglas de Souza Evangelista



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5627>

DOI: 10.4000/pontourbe.5627

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Douglas de Souza Evangelista, « Pessoas e objetos: agência e consumo de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5627> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.5627>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Pessoas e objetos: agência e consumo de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro

Persons and objects: agency and second hand consumption in the city of Rio de Janeiro

Douglas de Souza Evangelista

Introdução

- 1 Neste artigo, examino as relações entre pessoas e objetos ocorridas no âmbito do mercado informal *shopping-chão*, localizado no bairro de São Cristóvão, região central da cidade do Rio de Janeiro. Tomo como ponto de partida formulações de textos clássicos da teoria social para refletir sobre as articulações possíveis entre consumo, estrutura e indivíduo, e seus efeitos exercidos sobre os sujeitos. Desenvolvo essa análise baseando-me em material compilado em minha pesquisa de campo junto aos trabalhadores do *shopping-chão* do Centro do Rio em locais como a Praça XV, Lapa e São Cristóvão. Desde 2014, com maior ou menor intensidade, venho acompanhando seus vendedores, compradores e catadores por meio de entrevistas, observação participante e registros em foto e vídeo. Embora de idades, gênero, classe social, áreas de moradia e propósitos variados, todos têm em comum o fato de serem frequentadores assíduos dos chamados brechós¹ de rua.
- 2 O trabalho está dividido em três partes. Primeiro, em um breve inventário, apresento minhas aproximações conceituais iniciais, as definições de categorias analíticas e escolhas metodológicas. Em seguida, faço uma discussão teórica sobre subjetividade e agência fundamentada nas leituras de Bourdieu e Sahlins, e recorro ao interacionismo simbólico de Blummer para problematizar questões como estrutura e ação social. Na terceira parte, apresento dados recentes colhidos em campo e, mais como apontamento

que como conclusão, procuro pensar as relações estabelecidas entre compradores e vendedores à luz das teorias expostas.

Shopping-chão: práticas e espaços

- 3 A intensa produção material de bens em nossa sociedade, aliada à obsolescência programada como prática industrial, cria acúmulos de objetos não absorvidos pelo mercado de consumo. O regular e crescente afluxo de materiais aumenta as chances de descarte prematuro e causa graves problemas de manejo desses excedentes. Contrariando os imperativos de inovação e insaciabilidade impulsionados pelos meios publicitários, o interesse por roupas e objetos “retrô” ou “vintage” cresce em todo o mundo, negócio que movimenta uma rede de eventos e estabelecimentos altamente especializados através da qual circulam cifras consideráveis.
- 4 É neste cenário que, no centro da cidade do Rio de Janeiro, afastado das lojas especializadas, sem o glamour dos brechós fashionistas ou a erudição e requinte dos antiquários tradicionais, um pulsante comércio informal de segunda mão promovido por vendedores ambulantes se torna cada vez mais comum. A forma de apresentação de suas mercadorias - em sua maioria objetos coletados no lixo ou obtidos através de doações - expostas em lençóis, toalhas, colchas e lonas nas calçadas, designa o nome de sua atividade: *shopping-chão*. Fusão entre a expressão anglicana sinônimo, simultaneamente, de ato e lugar de consumo, e da materialidade mais rente à rua, base e alicerce de todo espaço urbano visível, o título sintetiza bem a prática e suas ambivalências.
- 5 Atuando de forma dispersa por toda cidade, seus vendedores formam agrupamentos de três, seis ou oito indivíduos, potencializando através desta *tática* suas possibilidades de resistência às *estratégias*² (Certeau 1994:198) de fiscalização e ordenamento empregadas pela administração pública. Meus primeiros contatos com eles se deram em um destes pontos temporariamente ocupados na região da Lapa, centro do Rio. Observando o convívio entre moradores, compradores e vendedores, percebi o caráter precário e criativo existente em seus modos de vida. Assim, a fim de compreender melhor esses processos, inicialmente me propus a seguir a “biografia cultural das coisas” com a pretensão de detectar os percursos descritos pelos objetos do *shopping-chão*. Segundo Kopytoff (2008), ao se traçar uma biografia cultural dos objetos seria possível mapear não só suas variações de *status* (fases de vida, gradações, sobreposições e recorrências de classificações), mas também os processos sociais subjacentes que os viabilizam.
- 6 Passei, então, a acompanhar os vendedores em suas idas ao “garimpo”, mapeando pessoalmente seus lugares preferidos para coleta dos objetos, seus deslocamentos e circuitos pelos diversos pontos de venda de usados e antiguidades da cidade. Pude identificar no comércio estabelecido no *shopping-chão* uma rede de relações interdependentes que envolve pessoas e objetos em formas de convívio hierarquizadas e atravessadas por moralidades, onde as posições de maior prestígio dependem da capacidade de articulação de conhecimento técnico e histórico sobre a trajetória e proveniência de cada objeto.
- 7 Desse modo, após algum tempo, cheguei ao *shopping-chão* de São Cristóvão. Trata-se, nas palavras dos próprios frequentadores, “do maior e mais antigo” mercado de segunda mão da cidade. Localizado nos entornos do bairro, a feira ocupa uma extensa área que abarca praticamente três quarteirões: do Campo de São Cristóvão, passando pelas ruas

Almirante Mariath, Monsenhor Manuel Gomes, até a Avenida Brasil e o Viaduto do Gasômetro. Durante a semana, a circulação de pessoas na região é restrita aos caminhões e poucos trabalhadores dos armazéns locais, porém aos domingos o espaço é ativado pela movimentação de uma grande quantidade de pessoas: compradores, vendedores e passantes transformam o trecho em um típico “lugar antropológico” (Augé 1994). O mercado passou a existir em algum momento da história da “feira dos paraíbas”, atual Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas³. A princípio, este se configurava como uma extensão da feira de produtos típicos nordestinos, mas com o passar do tempo foi gradualmente se convertendo em seu atual formato multifacetado, misto de feira de alimentos, brechó, decoração, compra, venda e troca de um sem fim de objetos: dispositivos eletrônicos usados, relógios, ferramentas, livros, roupas, enfim, um verdadeiro amontoado de “trechos, troços e coisas” (Miller 2013).

- 8 Muitos dos vendedores, quando questionados sobre sua atividade, declaram trabalhar com “antiguidades” - ainda que sejam evidentes as diferenças entre seus objetos e os vendidos pelos antiquários. O uso desta categoria, destinada a peças oriundas de coleções, dotadas de importância histórica ou com alguma peculiaridade que as diferencie das mais ordinárias, é habilitado pelo saber adquirido sobre os objetos e as narrativas geradas pelo conhecimento de suas carreiras. Se os objetos são mediadores de nossa relação com o mundo, servindo como indicadores e marcos de nossa existência (Starace 2015), chegando mesmo a, no limite, “fazer pessoas” (Leitão; Machado 2013:236) o emprego de tal nomenclatura pelos vendedores do *shopping-chão* parece indicar antes um desejo de valorização pessoal que uma intenção exclusiva de ganho econômico. Ressemantizar, neste caso, funcionaria principalmente como atenuante do sentido marginalizado associado ao trabalho de catador e ambulante, renovando as identificações negativas de significado positivo, mais aproximado da figura do conhecedor, do negociante qualificado.
- 9 Inseridos em um contexto extremamente demarcado por fronteiras morais, ao recusar percepções depreciativas e operar criativamente as categorias disponíveis, os vendedores recriam noções próprias sobre seus papéis sociais, reivindicando o reconhecimento de sua presença e espaços legítimos de atuação, expandindo desta forma seus “campos de possibilidade” (Velho 2003). A partir do diálogo instituído com os compradores e antiquários, instauram-se variações em seus modos de percepção, e são estes fatores - afetos, pensamentos, desejos e medos - ajustados, reavaliados e alterados de acordo com essas situações que os animarão enquanto agentes (Ortner 2006).

Subjetividade, agência e estrutura social

- 10 Para Bourdieu (2005), a subjetividade teria seus contornos definidos por uma estrutura social anterior ao sujeito. Em “A dominação masculina”, o autor perpassa as diversas formas através das quais a visão androcêntrica silenciosamente se impôs ao longo de um trabalho incessante como sinônimo ao “natural”. Da construção dos corpos às formas de incorporação da dominação, seu argumento ancora-se na ideia de que a internalização desta perspectiva nos leva a naturalizar diferenças culturalmente construídas, limitando nossos esquemas de percepção, como afirma no trecho. O conceito de *habitus* é tido como essencial para ideia de subjetividade apresentada pelo autor. Sendo este um esquema de percepção orientado e delimitado que, através da

imposição de valores ao longo da história, marca de forma eficiente as aptidões, inclinações e disposições dos sujeitos, há quase total impossibilidade de transcendência frente à inculcação das normas estruturais em suas subjetividades. Nesta perspectiva, o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos está atrelado e mediado pelo *habitus*, suas estruturas cognitivas se encontram socialmente subordinadas à ordem cultural vigente, e os traços da dominação, por estarem “duradouramente inscritos no mais íntimo dos corpos sobre as formas de predisposições” (Bourdieu 2005:51), deixam poucas margens de agência ao impor limitações aos indivíduos. Bourdieu rejeita ainda a ideia de que a tomada de consciência sobre estes fatores de dominação bastaria ao dominado para sua libertação. Uma vez que sua atuação no mundo se encontra restrita aos controles e constrangimentos dos esquemas de percepção dominantes, para o autor a única forma de ação livre, ainda que cultural e historicamente construída, seria a ruptura e a produção de novas condições sociais que levem os dominados a deixar de reproduzir as categorias de avaliação que organizam o mundo social que os domina.

- 11 Outro autor que direcionou seu esforço analítico em compreender esses processos foi Marshall Sahlins (1999). Em sua visão, as categorias culturais podem adquirir novos valores funcionais, já que para ele a transformação de uma cultura também contribui para sua reprodução. Ao narrar o contato da tripulação dos navios comandados pelo capitão Cook com os nativos do atual Havaí, o autor demonstra como interferências externas podem gerar reações diversas a determinadas normas culturais, algumas destas totalmente imprevistas. Os significados culturais são alterados de acordo com as autoconcepções e interesses dos indivíduos que se veem confrontados com eventos extraordinários às suas relações cotidianas.
- 12 Desse modo, tabus e relações hierárquicas são questionados e testados pelas interpretações pessoais de cada sujeito. Para Sahlins, essa disposição criativa dos indivíduos atua na transformação não só das categorias, como também da própria estrutura que as mantêm. Paradoxalmente, essas alternâncias contribuem para reprodução da cultura em um tipo de composição que objetiva manter uma “síntese de estabilidade e mudança” (SAHLINS, 1999, p. 180). Uma vez que toda mudança prática é também uma reprodução cultural, levados os sujeitos a agir sobre um mundo que não é mais capaz de responder às suas inquietações, a utilização de categorias tradicionais se torna paulatinamente ineficaz através do tempo. É então a ação incessante e criativa derivada de interpretações renovadas ou inéditas, provocada por eventos externos ou extraordinários, que termina por alterar as condições de possibilidade das estruturas e normas pela agência direta dos sujeitos.
- 13 Essas questões também instigaram pesquisas anteriores como as de Blummer (1969) que, assim como Simmel (1971), para quem a sociedade existe “onde os indivíduos entram em interação”, considera a sociedade como um processo. Representante do interacionismo simbólico⁴, o autor parte das colocações de George Herbert Mead sobre o *self*⁵ e a interação humana, e introduz a ideia de ação social centrada no simbólico e sempre atravessada pela interpretação. Para ele, os indivíduos definem suas próprias ações atribuindo significados às ações dos outros, nunca reagindo a um estímulo direto, mas sim ao processo interpretativo desencadeado por este em determinada circunstância. Logo, a ação social não está predeterminada por fatores de ordem macro, ao contrário, é construída gradualmente no curso de cada situação social.
- 14 Essa habilidade do *self* de agir em relação a si mesmo como age em relação aos outros, resulta na capacidade de construção da ação fundamentada nessas formulações feitas

para si. Em outras palavras, ao se apropriar e atribuir sentidos aos estímulos externos, estes deixam de ser totalmente exteriores e passam a pertencer ao universo simbólico do sujeito. Decorre daí que, em um contexto social específico, a ação acontece quando um indivíduo alinha sua ação à dos outros, assumindo o papel do outro e buscando determinar as intenções ou objetivos dos atos dos outros. Por este viés, a organização social se assemelha mais a uma moldura no interior da qual as “unidades de ação” - ou indivíduos - desenvolvem suas ações. A estrutura, representada pela cultura ou pelos esquemas de percepção, modela as situações ao fornecer o conjunto de símbolos por meio do qual os sujeitos irão se valer para interpretar e agir, porém não as determinam. Como consequência, o campo de agência é alargado, pois as pessoas agem em relação às situações e não inteiramente constrangidas pela estrutura ou organização social.

- 15 Diante do exposto, fica claro como os autores citados possuem posições distintas quanto à capacidade de agência dos indivíduos. Enquanto Bourdieu desautoriza a conscientização como força motriz de mudança e enfatiza a sombra da estrutura como dominante dos processos e relações, Sahlins abre possibilidades de transformação através das interpretações realizadas pelos sujeitos sobre suas próprias ações, e atribui grande importância à criatividade particular relacionada às biografias pessoais como fator de modificação e reprodução cultural. Blummer, por sua vez, considera a reflexividade dos sujeitos como crucial para adequação das condutas ao quadro circunstancial em que estas se desenvolvem. No curso de uma ação, de maneira processual e intersubjetiva, os elementos externos são apropriados e rearranjados de acordo com as reações do outro.

Interação em São Cristóvão

- 16 Do grupo de vendedores que acompanhei na Lapa apenas alguns atuam em São Cristóvão. Talvez porque a frequência seja muito flutuante em certos pontos do Centro, bastando uma calçada desocupada para exposição dos produtos, que somente uma parte dos vendedores se desloque até lá. São públicos diferentes de acordo com os locais e dias da semana. O *shopping-chão* da Lapa ocorre durante a semana, sempre que possível ou quando a Guarda Municipal permita e não realize operações de recolhimento. As características dos vendedores também mudam de uma localidade para outra e mesmo internamente. Nos entornos do mercado, próximos ao Campo de São Cristóvão, concentram-se os vendedores mais pauperizados e suas mercadorias, a maior parte do denominado “lixo” (objetos usados, mas não antigos ou charmosos o suficiente para serem valorizados comercialmente) exposto em lençóis, lonas ou plásticos. Os principais objetos vendidos são brinquedos, cabos, sucatas eletrônicas, livros, revistas e vestuário.
- 17 Carlos, um de meus interlocutores, desempregado há cinco anos, considera a revenda de bens utilizáveis duplamente favorável: além do “garimpo” ser menos insalubre ou perigoso que a busca por latinhas de alumínio e caixas de papelão, os artigos possuem maior valor agregado. Trabalhando com livros, vestuário e outros objetos obtidos através de combinações com porteiros e moradores de prédios de classe média, aos poucos foi adquirindo um olhar treinado para seleção dos itens, chegando a um nível de conhecimento sofisticado. Em seu “brechó” (uma lona de caminhão estendida na calçada), o comprador pode contar com descrições detalhadas de cada peça à venda e encontrar livros, materiais de desenho e pintura, além de catálogos de leiloeiros e

empresas de arte como Christie's e Sotheby's. Artifícios desenvolvidos por meio da identificação de uma clientela fiel e interessada nesse tipo de mercadoria.

- 18 O acesso a essas experiências cria aproximações entre esferas sociais aparentemente distantes, tornando menos rígidos os limites estabelecidos. Há, portanto, uma negociação que permite, ainda que momentaneamente, o trânsito entre fronteiras simbólicas (Velho 2006). Por meio da interação os significados interpretados situacionalmente ganham relevância e, posto que são construídos apoiados em experiências pessoais, é o entrelaçamento de objetos e biografias individuais, associado às interações entre doadores/catadores e compradores/vendedores, que irá se desdobrar em trocas e influências recíprocas, criando pontos de convergência que afetam mutuamente os envolvidos. Entretanto, nem sempre estas relações se dão de forma pacífica ou sem atritos. A autoridade dos antiquários – concedida e validada tanto por seus pares quanto pelo mercado – é fonte de insatisfação para muitos vendedores. A seguir, o relato de Eunice sobre os percursos descritos por um cinzeiro de metal após sair de sua posse, e o modo pelo qual o objeto alcançou valores muito superiores apenas por figurar em novos suportes, descreve de forma precisa as assimetrias de poder comuns à essas negociações.
- 19 A peça em questão foi adquirida junto a outras em um único lote arrematado através de um de seus contatos, um catador especialmente contratado para identificar oportunidades rentáveis em seus espaços de “garimpo”. O cinzeiro, como mais tarde foi constatado, tratava-se de uma peça forjada em bronze do final do século XIX, pertencente a um conjunto de tabacaria do Líbano, herdado pela antiga proprietária de seus avós imigrantes. Graças ao desconhecimento de seu valor pela herdeira que seu retorno ao mercado de consumo foi possível. Encontrado junto a outros objetos em uma lixeira na zona sul da cidade pelo catador, o objeto seguiu até Eunice que, embora melhor posicionada na hierarquia de bens e pessoas, não dispunha da erudição necessária ou domínio dos códigos para qualificá-lo, destinando assim o maior benefício ao terceiro receptor, este sim detentor do saber especializado e por isso contemplado com as vantagens econômicas disponíveis.
- 20 Aqui, além da variação de *status* e classificação do objeto, é possível observar, como afirma Ortner (2006), a agência manifestada em suas duas naturezas, que segundo a distinção feita pela autora, divide-se em “agência de projeto” e “agência de poder”; a primeira, diz respeito às motivações e intenções culturalmente constituídas pelos sujeitos de acordo com seus planos, e a segunda, mais facilmente percebida em contextos marcados por desigualdades, opera em uma lógica de dominação-resistência. As preciosas informações propositalmente omitidas pelo antiquário no momento da compra, terminaram por dificultar a avaliação e precificação feitas por Eunice, levando à redução do valor de troca na transação. Contudo, de maneira inesperada - apenas em sua superfície, cabe dizer - sua capacidade de agência, aparentemente cerceada em um primeiro momento, termina por ser potencializada, pois apesar da fricção e descontentamento resultantes desse episódio, essas experiências adversas podem se converter, a partir da atualização de suas interpretações pessoais, em ganhos subjetivos potentes o suficiente para promover novos campos de possibilidade, reflexões e projetos.

Considerações finais

- 21 A cada domingo, antiquários e negociantes percorrem as fileiras do *shopping-chão* de São Cristóvão em busca de peças que tenham real valor para o mercado de antiguidades. Chegam bem cedo, com o dia ainda nascendo, por volta das cinco e meia da manhã, e compram as que julgam mais interessantes expostas naquele dia. O crivo do especialista é a baliza da barganha e negociação a serem empreendidas, e seu conhecimento acerca das regras de classificação produz impacto no valor oferecido pelos objetos. Essa relação é permeada por forte ambiguidade: por um lado, os vendedores pauperizados ou não especializados se consideram prejudicados pelo baixo valor aferido a seus objetos; por outro, reconhecem a necessidade desse tipo de transação para manutenção de sua atividade e apreendem parte do vocabulário e traquejos dos antiquários, readaptando essas maneiras aos seus repertórios e narrativas pessoais.
- 22 Como os havaianos encontrados pelo capitão Cook (Sahlins 1999), o intercâmbio promovido por esses estímulos suscita ações que, reinterpretadas em contextos particulares, resultam na transformação de categorias e valores, alterando, por conseguinte, os esquemas de percepção dos envolvidos. A estrutura, entendida aqui como uma rede conceitual de diferenças econômicas e subjetivas sustentada por um conjunto de categorias culturais, não impede o desejo dos sujeitos de alterar os signos preexistentes; longe disso, em busca da consecução de seus projetos, cada um dos envolvidos, à sua maneira, direta ou indiretamente, a despeito da busca de proveitos sobre seu subordinado mais próximo, contribui para alterar, se não total, ao menos parcialmente, as dinâmicas e relações de poder. Mesmo em nítida desvantagem, o esforço dos vendedores em se apropriar das categorias e reutilizá-las a seu favor, revela um propósito direcionado à subversão das normas impostas e uma aspiração por mobilidade – prestígio, reconhecimento, valorização pessoal, lucro econômico etc. – dentro do sistema hierárquico de classificação de pessoas e objetos. O deslocar desses sentidos por meio da agência significa e redefine não só a atividade de vender “antiguidades”, mas os próprios sujeitos, ampliando tanto suas chances de inserção em um mercado de maior valor quanto suas concepções acerca de seus saberes e atividades, gerando, por fim, mudanças efetivas em suas subjetividades.

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc. 1994. “Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade”. Campinas: Papirus.
- BALTHAZAR, A.C. B. 2016. “Old things with character: the fetishization of objects in Margate, UK”. *Journal of Material Culture*, v. 21, p. 448-464.
- BLUMMER, Herbert. 2013. “A sociedade como interação simbólica”. In: Maria Cláudia Coelho (org.), *Estudos sobre interação – textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Eduerj. pp. 75-90.

- BOURDIEU, Pierre. 2005. "A dominação masculina". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CERTEAU, Michel de. 1994. "Relatos de espaço". A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes. pp. 182-198.
- KOPYTOFF, Igor. 2008. "A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo". In: A. Appadurai (org.), A vida social das coisas. Rio de Janeiro: Eduff. pp. 89-121.
- LEITÃO, Débora Krischke; MACHADO, Rosana Pinheiro. 2010. "Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material". Revista Mediações, Londrina v. 15, n. 2: 231-247.
- MEAD, G. H. 1992. Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist. Chicago: The University of Chicago Press.
- LYNCH, Kevin. 1997. "A imagem da cidade e seus elementos". A Imagem da cidade. São Paulo: Martins fontes.
- MILLER, Daniel. 2013. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SAHLINS, Marshall. 1999. "Ilhas de História". Rio de Janeiro: Zahar editor.
- STARACE, Giovanni. 2015. Os objetos e a vida. São Paulo: Martins-Martins Fontes.
- SIMMEL, Georg. 1971. "The problem of sociology". On individuality and social press. Chicago: The University of Chicago Press.
- ORTNER, Sherry. 2007. "Poder e Projetos: reflexões sobre a agência". In: Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Brasília/Blumenau: Editora Nova Letra.
- VELHO, Gilberto. 2003. "Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas" (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VELHO, Gilberto. 2006. "Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração" (4a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

NOTAS

1. Utilizo como definição de brechó o significado atribuído por meus interlocutores, ou seja, indicando a prática da venda de objetos como feita pelos vendedores do *shopping-chão*, nunca como estabelecimentos formais ou especializados.
2. Os conceitos de estratégia e tática aqui dizem respeito ao modo descrito por Michel de Certeau como indivíduos ou grupos, face à imposição de domínios e saberes, esquivam-se e transformam debilidade em força através de ações criativas nos "interstícios dos códigos que desmancham e deslocam".
3. Data de 1945 o início dos primeiros movimentos que deram origem à Feira de São Cristóvão, ou Feira dos Nordestinos, como é conhecida no estado do Rio de Janeiro. Nesta época, retirantes nordestinos chegavam ao Campo de São Cristóvão em caminhões, vindos para trabalhar na construção civil. A animada festa regada a muita música e comida típica, gerada pelo encontro dos recém-chegados com parentes e conterrâneos, deu origem à Feira, que permaneceu ao redor do Campo de São Cristóvão por 58 anos. Em 2003 o antigo pavilhão foi reformado pela Prefeitura do Rio e transformado no Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Hoje, não só

nordestinos frequentam a Feira para matar saudades e resgatar um pouco de sua cultura, como também cariocas e turistas de todo o país. Fonte: <https://www.feiradesaocristovao.org.br/historico>.

4. Escola sociológica cuja preocupação foi delimitar o alcance do escopo do social nos processos de interação. Dentre suas preocupações, voltaram-se para problemas clássicos como o raio de alcance da sociologia, a relação entre indivíduo e sociedade, e qual seria a unidade analítica mínima para o estudo da sociedade. Ocuparam-se, entre outros temas, das fronteiras entre a sociologia e as perspectivas das ciências “psi”, como a psicologia e psicanálise. Entre seus autores estão Simmel, Goffman, Mead e Blummer.

5. Entendido como a capacidade reflexiva de todo ser humano em ser objeto de suas próprias ações.

RESUMOS

No centro das grandes metrópoles, mercados de rua e segunda mão proliferam e são os lugares em que complexas dinâmicas de troca, de circulação, de construção de valores e significados se desenvolvem a partir das relações entre pessoas e objetos. O objetivo deste trabalho é discutir o modo de operação das relações instauradas pela prática de um tipo específico de comércio informal como o realizado no *shopping-chão* de São Cristóvão, cidade do Rio de Janeiro.

At the great metropolis downtown, street and flea markets multiplies and those are the places in which complex exchange, circulation, value and meaning construction dynamics unfolds by means of relations between persons and objects. This work aims to discuss the operation mode of the relations established by the practice of a specific kind of informal commerce, such as the floor-mall of São Cristóvão, in the city of Rio de Janeiro.

ÍNDICE

Palavras-chave: subjetividade, agência, interação, consumo, mercados

Mots-clés: subjectivity, agency, interaction, consumption, markets

AUTOR

DOUGLAS DE SOUZA EVANGELISTA

Graduando em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail :

douglasevangelista@gmail.com